



# Traduções

---

**A reversão da doutrina Copernicana:  
A arca-originária Terra não se move**

---

---

**The Reversal of the Copernican Doctrine:  
The original ark Earth does not move**

---

DOI: 10.12957/ek.2022.64538

**Edmund Husserl**

**Tradução:**

**Gabriel Lago de Sousa Barroso<sup>1</sup>**

Universidade de Wuppertal / Arquivo Husserl

*lagobarroso@gmail.com*

**Resumo:** Apresentamos aqui a primeira tradução para o português do célebre manuscrito *D 17*, escrito por Husserl entre 7 e 9 de maio de 1934, e publicado por M. Farber em 1940, no volume *Philosophical Essays in Memory of E. Husserl*. O manuscrito possuía em seu envelope o seguinte comentário descritivo: "*Reversão da doutrina copernicana* na interpretação da visão de mundo habitual. A arca-originária Terra não se move. Investigações fundamentais sobre a *origem fenomenológica da corporeidade da espacialidade da natureza* no sentido primeiro da ciência natural. Todas estas investigações iniciais necessárias". Escrito no estilo livre e vivaz que caracteriza os manuscritos de pesquisa da fenomenologia de Husserl, este texto pertence ao grupo de manuscritos produzidos no entorno da última obra publicada de Husserl, *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936). Se no extensamente comentado §9 desta obra Husserl empreende uma análise da ciência moderna partindo da instituição originária da física de Galilei, o ponto de partida de *A*

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador associado no Instituto de Filosofia da Universidade de Wuppertal (Alemanha) e pesquisador de pós-doutorado no Arquivo Husserl em Leuven (Bélgica).

*Reversão* é a noção de natureza que caracteriza o mundo copernicano, a qual estabelece a Terra como um corpo físico situado no interior do universo infinito. A *epoché* (no sentido específico dado a este termo no interior da fenomenologia husserliana) da tese copernicana leva Husserl à investigação da Terra em uma outra função transcendental, a saber, sua constituição enquanto solo e fundamento de referência para a experiência do espaço, do movimento e do repouso. Ao lado deste primeiro aspecto ligado ao sentido de natureza, a investigação de *A Reversão* abarca um outro campo temático, onde o manuscrito toca as fronteiras da filosofia fenomenológica e desafia os limites teóricos estabelecidos pelas interpretações ortodoxas da fenomenologia transcendental: a relação entre Terra, historicidade e intersubjetividade. Assim, a parte final do texto é dedicada à exposição da Terra como elemento da "história originária" que vincula todas histórias relativas da humanidade, a qual se organiza em uma multiplicidade de territórios ou moradas. Nos termos de Merleau-Ponty, a Terra é, sob esta perspectiva, a reserva de onde pode provir toda a vida, todo futuro e toda história.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Transcendental; Natureza; Terra; Território; Corpo; Husserl.

## ABSTRACT

We present here the first translation into Portuguese of the famous manuscript D 17, written by Husserl between May 7th and 9th 1934, and published by M. Farber in 1940, in the volume *Philosophical Essays in Memory of E. Husserl*. The manuscript had in its envelope the following descriptive comment: "*Overthrow of Copernican doctrine in the usual interpretation of a worldview. The original ark-Earth does not move. Fundamental investigations on the phenomenological origin of the corporeality of the spatiality of nature in the first sense of natural science. All these necessary initial investigations*". Written in the free and lively style that characterizes the research manuscripts of Husserl's phenomenology, this text belongs to the group of manuscripts produced around Husserl's last published work, *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology* (1936). Whereas in the widely commented §9 of this work Husserl undertakes an analysis of modern science starting from the original institution of Galilei's physics, the starting point of *The Reversal* is the notion of nature that characterizes the Copernican world, which establishes the Earth as a physical body

located within the infinite universe. The *epoché* (in the specific sense given to this term within Husserlian phenomenology) of the Copernican thesis leads Husserl to investigate the Earth in another transcendental function, namely, in its constitution as a ground and a foundation of reference for the experience of space, movement, and rest. Along with this first aspect linked to the sense of nature, the investigation of *The Reversion* encompasses another thematic field, where the manuscript touches the borders of phenomenological philosophy and challenges the theoretical limits established by orthodox interpretations of transcendental phenomenology: the relationship between Earth, historicity and intersubjectivity. Thus, the final part of the text is dedicated to the exposition of the Earth as the "original history" that links all relative histories of humanity organized in a multiplicity of territories. In Merleau-Ponty's terms, the Earth is, in this perspective, the reserve from which all life, all future, all history can issue.

**Keywords:** Phenomenology; Transcendental; Nature; Earth; Territory; Body; Husserl.

[307] As páginas seguintes<sup>2</sup>, não obstante as várias retomadas e revisões, são em todo caso fundamentais para uma *doutrina fenomenológica da origem da espacialidade, da corporeidade, da natureza no sentido da ciência natural* e, assim, para uma *teoria transcendental do conhecimento das ciências da natureza*. Contudo, ainda permanece em aberto se não seriam necessárias complementações.

Distinção: o mundo na abertura do mundo circundante (*Umwelt*) – [e] o mundo na infinitude posta pelo pensamento. Sentido dessa infinitude – "mundo existindo na idealidade da infinitude." Qual é o sentido dessa existência (*Existenz*), o sentido do mundo ôntico infinito? A abertura enquanto horizontalidade que não é completamente

---

<sup>2</sup> *NdT [nota do tradutor]*: Tradução do texto *D 17*, escrito por Husserl entre 7 e 9 de maio de 1934, e publicado por M. Farber em 1940, no volume *Philosophical Essays in Memory of E. Husserl*. Os números entre colchetes no corpo do texto se referem à paginação da edição original. O seguinte comentário descritivo estava escrito no envelope com o manuscrito de Husserl: "*Umsturz der kopernikanischen Lehre in der gewöhnlichen weltanschaulichen Interpretation. Die Ur-Arche bewegt sich nicht. Grundlegende Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Körperlichkeit der Räumlichkeit der Natur im ersten naturwissenschaftlichen Sinne. Alles notwendige Anfangsuntersuchungen*" [*Reversão da doutrina copernicana* na interpretação da visão de mundo habitual. A arca-originária Terra não se move. Investigações fundamentais sobre a *origem fenomenológica da corporeidade da espacialidade da natureza* no sentido primeiro da ciência natural. Todas estas investigações iniciais necessárias]. Ao contrário da edição de Farber, que assume como título a parte final do comentário descritivo, optamos por manter como título suas duas primeiras frases, tanto por sua importância na economia do texto, quanto pelo fato de esta ser a designação pela qual ele é geralmente conhecido na literatura.

concebida, inteiramente trazida à representação, mas que já é implicitamente formada. Abertura da paisagem (*Landschaft*) – saber que enfim cheguei às fronteiras da Alemanha – e que a seguir vêm as paisagens francesa, dinamarquesa etc. Não percorri e não conheci o que se encontra no horizonte, mas sei que outros conheceram uma parte a mais, e outros, por sua vez, ainda uma outra parte – representação de uma síntese dos campos de experiência atuais, que resulta na produção mediata da representação da Alemanha, da Alemanha no contexto da Europa, da Europa mesma etc. – e, finalmente, da [308] Terra. A representação da Terra vem a ser como unidade sintética de maneira análoga a como, na experiência contínua e conexa, os campos da experiência humana individual se unificam em um único campo da experiência. Exceto que eu me aproprio analogamente dos relatos dos outros, de suas descrições e constatações, e formo uma representação universal. Cabe distinguir expressamente:

(1) trazer à intuição os horizontes da "representação do mundo" pronta, no modo como ela foi formada nas transferências aperceptivas e nas antecipações e projetos de pensamento;

(2) o caminho da constituição progressiva da representação do mundo a partir de uma representação do mundo já pronta; por exemplo, o mundo circundante do negro ou do grego frente ao mundo copernicano, da ciência natural, da modernidade.

Nós, copernicanos, homens da modernidade, dizemos:

A Terra não é "toda a natureza", ela é um dos astros no infinito espaço sideral (*Weltraum*). A Terra é um corpo esférico, que certamente não é passível de ser percebido de uma só vez e por um único indivíduo em seu todo, mas sim em uma síntese primordial como unidade de experiências individuais ligadas umas às outras. Contudo, um corpo! Por mais que para nós ela seja o solo da experiência (*Erfahrungsboden*)<sup>3</sup> de todos os corpos na gênese da experiência de nossa representação do mundo. A princípio, não se tem a experiência deste "solo" como um corpo, ele se

---

<sup>3</sup> *NdT*: O termo "*Boden*", que traduzimos por "solo", será muito importante ao longo do texto. Husserl utiliza uma série de expressões compostas com este termo: "*Erfahrungsboden*" (solo da experiência), "*Bodenkörper*" (corpo-solo), "*Boden-form*" (forma-solo), "*Erdboden*" (solo terrestre, solo da Terra), "*Stammboden*" (solo de origem), "*Seinsboden*" (solo do ser). Em geral, o conceito de solo designa o fundamento de referência necessário para a experiência dos fenômenos físicos, que Husserl identifica com a Terra. Na gênese fenomenológica da experiência, a Terra não é a princípio o corpo esférico situado no espaço sideral entre outros astros, mas o solo da minha experiência, com relação ao qual pode se dar a experiência do movimento e do repouso dos corpos físicos. A compreensão da Terra como solo significa não apenas que, nesse nível da constituição de sentido, ela *não* é um corpo físico, mas também que a Terra como solo é um pressuposto necessário para a experiência do movimento e repouso dos corpos, a qual caracteriza o mundo moderno copernicano e se encontra à base das ciências naturais.

torna um corpo-solo (*Boden-Körper*) em um nível superior da constituição do mundo a partir da experiência, e isso suprime sua forma-solo originária. Ele se torna o corpo total: o suporte de todos os corpos; de todos os corpos de que se pode ter experiência plena (normal) em todos os seus lados e, em termos empíricos, de forma suficiente – ou seja, da maneira como se tem a experiência dos corpos físicos enquanto os astros ainda não são contados entre eles. Agora, contudo, a Terra é o grande bloco no qual estão estes corpos, a partir da qual, por meio da fragmentação e do desmembramento, corpos menores também sempre surgiram e puderam surgir para nós.

Se a Terra adquire validade constitutiva enquanto corpo – e, por outro lado, se os astros são concebidos como corpos que aparecem em fenômenos distantes, apenas não sendo perfeitamente acessíveis [309], então isso concerne às representações de repouso e movimento que lhes devem ser atribuídas. É na Terra ou junto à Terra, partindo dela ou indo a ela, que ocorre o movimento. Na configuração originária da representação, a Terra não se move e não se encontra em repouso; é em relação a ela que repouso e movimento ganham primeiramente sentido. Depois, contudo, a Terra se "move" ou se encontra em repouso – exatamente o mesmo que ocorre com os astros, sendo a Terra enquanto um astro entre eles. Como movimento e repouso conquistam seu legítimo sentido de ser na "intuição de mundo"<sup>4</sup> ampliada ou reconfigurada? Como é possível pensar a intuição que os verifica, a evidência a respeito deles? Não se trata aqui de uma transferência aperceptiva deliberada, mas, como sempre, cabe poder comprovar essa evidência.

Em termos gerais, a elaboração da intuição de mundo, da intuição de corpos individuais, da intuição do espaço, da intuição do tempo, da intuição da causalidade natural – tudo isso anda lado a lado.

Examinemos o movimento dos corpos na função intuitiva originária da Terra como "solo"; ou, dito de outro modo, os corpos compreendidos na originariedade,

---

<sup>4</sup> *NdT*: "Intuição de mundo" corresponde ao termo "*Weltanschauung*", que normalmente é traduzido para o português como "visão de mundo" ou "cosmovisão". Contudo, uma vez que o termo "intuição" (*Anschauung*) possui uma função importante na fenomenologia husserliana e na economia deste texto, optamos pela tradução por "intuição de mundo". Como Husserl afirma, encontra-se em questão neste texto o esclarecimento da *Weltanschauung* moderna, que ele identifica com a visão copernicana de um espaço aberto infinito onde há corpos submetidos a leis físicas determinadas. Ao contrário de tomar essa *Weltanschauung* e os elementos que a constituem (uma certa compreensão do espaço, do tempo, dos corpos, da causalidade) como algo evidente por si mesmo e, portanto, trivial, a fenomenologia busca torná-la compreensível, isto é, ela busca *verificar* através da análise da experiência a *intuição* que funda o mundo moderno.

efetivamente em uma mobilidade e mudança possíveis. Jogados para cima ou movendo-se como quer que seja, não sei para onde – mas sei que relativamente à Terra, ao solo da Terra (*Erdboden*). No espaço terrestre, corpos são móveis: têm um horizonte de movimento possível, e, se o movimento chega ao fim, a experiência prefigura ainda a possibilidade de um movimento ulterior, eventualmente em unidade com a possibilidade de uma nova causalidade do movimento por meio de um choque possível etc. Corpos existem efetivamente no interior de possibilidades abertas que se realizam no que lhes pertence efetivamente, em seu movimento e mudança (invariação como forma particular de possibilidade da mudança). Corpos são em movimento efetivo e possível, e possibilidade é sempre possibilidade aberta na efetividade, na continuação [do movimento], na mudança de direção etc. Corpos são também "entre" outros corpos efetivos e possíveis, e correlativamente se tem a experiência efetiva ou possível dos corpos em seus movimentos efetivos, em suas mudanças etc., ou seja, em suas "circunstâncias" efetivas. Possibilidades que são abertas previamente, *a priori*; e que, como tais, como possibilidades óticas, podem ser intuitivamente [310] representadas, que têm sua comprovação intuitiva. Elas possuem estas possibilidades como modos que pertencem ao ser dos corpos e da multiplicidade de corpos.

Em toda formação progressiva da apercepção do mundo, a unidade de uma "intuição de mundo" precisa confirmar a possibilidade do mundo – enquanto *a* possibilidade e o universo de possibilidades abertas que constituem uma consistência fundamental (*Grundbestand*) da efetividade do mundo. O núcleo da experiência atual – em termos óticos: aquilo que é experimentado do mundo neste e naquele lado e que eventualmente, a partir da concordância da síntese da experiência, já vale como efetividade conhecida; enquanto núcleo da experiência do mundo, ele se torna o núcleo daquilo que por meio dele é prefigurado e que é prefigurado enquanto espaço de jogo de possibilidades: e isso significa um espaço de jogo de possibilidades concordantes, a serem continuadas de maneira iterativa. O mundo se constitui progressivamente e é finalmente – no que concerne à natureza como um componente seu, suscetível de ser abstraído – constituído em uma horizontalidade, no interior da qual o ente é constituído enquanto efetivo em possibilidades de ser sempre prefiguradas; a forma do mundo é prefigurada, posteriormente trazida pela ontologia a conceitos e juízos e "pensada" com tais conceitos e juízos; no interior desta mesma forma do mundo, movem-se todas as

prefigurações indutivas e relativamente determinadas, tudo o que, em cada caso, é determinado conforme à expectativa e que, no curso da experiência efetiva, da experiência própria e comunicativa, mostra-se agora como realidade efetiva para ser confirmado ou infirmado.

A experiência efetiva, indutivamente prefigurada no quadro das possibilidades efetivas, penetra no horizonte de maneira sintética e concordante, e capta efetivamente, intuitivamente, uma parcela do campo do mundo que se oferece enquanto ser verificado (*bewährtes Sein*); essa experiência dá a mim e, eventualmente, dá a nós em uma comunidade atual, corpos em repouso ou movimento, em invariação e mudança. Mas o que aí se dá é um aspecto no qual, tendo em vista as possibilidades ainda horizontais, nem tudo o que é determinante do sentido para o mundo plenamente constituído já se encontra decidido. Vale aqui: o repouso se dá como algo decidido e absoluto, assim como o movimento, isto é, eles se dão assim no primeiro nível em si da constituição da Terra como solo.

Contudo, repouso e movimento perdem o seu caráter absoluto no momento em que a Terra se torna o corpo mundano (*Weltkörper*) [311] na multiplicidade aberta de corpos circundantes. Movimento e repouso tornam-se necessariamente relativos. E, caso haja alguma querela a este respeito, isso ocorre somente pelo fato de que a apercepção moderna do mundo, enquanto mundo dos horizontes copernicanos infinitos, não se tornou para nós uma apercepção de mundo verificada a partir de uma intuição de mundo que tenha sido levada a cabo de maneira efetiva. ("Apercepção" do mundo, apercepção em geral: isso significa a consciência de validade, com o sentido de ser do mundo com todos os níveis da constituição.) A transferência aperceptiva ocorreu de uma tal maneira que ela permaneceu apenas como diretiva (*Anweisung*) para uma intuição que a verifique, ao invés de ser efetivamente construída até o fim como comprovação (*Ausweisung*).

Como há de se pensar propriamente um corpo, seu lugar, sua posição no tempo, sua duração e sua forma, como um corpo assim qualificado e passível de ser identificado, reconhecido, determinado em si mesmo e determinável como tal? Toda comprovação e toda verificação das apercepções de mundo já formadas e que se formam progressivamente – enquanto transferências aperceptivas progressivas, nas quais, a partir do mundo e da objetividade já constituídos, "o" mesmo mundo é

investido de um sentido de nível superior, até chegar ao mundo último, plenamente constituído em seu estilo próprio consolidado e que se constitui progressivamente –, toda comprovação tem seu ponto de partida subjetivo e fundamento último de ancoragem no eu que comprova. A verificação da nova "representação de mundo", da "representação de mundo" de sentido modificado, tem seu primeiro suporte e núcleo no meu campo perceptivo e na apresentação orientada do recorte do mundo, em torno ao meu corpo vivo (*Leib*)<sup>5</sup> como corpo central entre os outros corpos, sendo que todos estes se dão intuitivamente com o seu próprio conteúdo de essência em repouso ou movimento, em mudança e invariação. Uma certa relatividade de repouso e movimento já está aqui elaborada. É necessariamente relativo um movimento que é experimentado com relação a um "corpo-solo", corpo este que é experimentado como estando em repouso e que se encontra em unidade com o meu corpo vivo corporal (*körperlicher Leib*). Este mesmo corpo vivo corporal pode se encontrar em movimento como corpo que se movimenta, mas pode se colocar em repouso a qualquer momento e, então, experimentar-se como estando em repouso. Mas, naturalmente, o corpo-solo relativo é relativamente em repouso [312] e relativamente em movimento com relação ao solo da

---

<sup>5</sup> *NdT*: Husserl introduz nesta passagem o termo "*Leib*", que traduzimos por "corpo vivo". Ao longo do texto, ele também faz uso de outras expressões derivadas, como "*Leiblichkeit*", "*leibliches Subjekt*" e "*Urleib*", que traduzimos, respectivamente, por "corporeidade viva", "sujeito corporal" e "corpo vivo originário". A tradução por "carne" também seria possível, e é amplamente difundida na tradição fenomenológica em virtude da influência de Merleau-Ponty, sendo igualmente adotada nas traduções inglesa (*flesh*), francesa (*chair*) e espanhola (*cuero de carne*) deste texto. Contudo, optamos pela tradução de "*Leib*" por "corpo vivo", tanto para evitar o estranhamento causado pelo termo "carne" no contexto da investigação de Husserl, quanto pelo fato de que esta expressão é amplamente difundida na literatura fenomenológica mais recente sobre a corporeidade. Por sua vez, a razão para esta qualificação na tradução em português reside na necessidade de se distinguir dois termos utilizados por Husserl, que poderiam ser igualmente traduzidos por "corpo": *Leib* e *Körper*. "*Leib*" tem sua origem no alto-alemão antigo "*lip*", de onde deriva igualmente o termo "*Leben*", vida. Na fenomenologia husserliana, *Leib* corresponde ao corpo vivo, isto é, ao fato de que as experiências do sujeito, suas ações e estados são organizados através do seu corpo (ou, na nossa tradução, do seu corpo vivo). O corpo vivo é, como Husserl afirmará em *Ideias II*, o "ponto zero da orientação" (Hua IV, p. 158), isto é, toda a experiência do espaço encontra-se primariamente organizada a partir da dimensão constituinte da corporeidade viva, razão pela qual esse conceito é muito importante na presente análise sobre a origem fenomenológica da espacialidade. *Körper* significa, por sua vez, o corpo em sentido físico, isto é, o corpo enquanto resultado de uma objetificação, na medida em que é considerado um *objeto* da experiência, e não o próprio centro de constituição da experiência. Tal como Husserl busca mostrar ao longo do texto, as ciências naturais têm como ponto de partida uma homogeneização do ente, que é indistintamente transformado em *Körper* – seja no caso do corpo humano, que é considerado um corpo físico entre outros, seja no caso da Terra, que é considerada um astro entre outros no espaço sideral. Em ambos os casos, a análise fenomenológica tem como objetivo o esclarecimento da constituição de sentido que se encontra à base dessa homogeneização e que possibilita a experiência originária do espaço, levando em conta tanto a dimensão do corpo vivo como constituinte da experiência, quanto a experiência da Terra como fundamento de referência do movimento e repouso dos corpos.

Terra, que não é experimentado como corpo, isto é, não é efetiva e originariamente experimentado. Examinemos os "corpos-solo relativos". Posso estar em um veículo em movimento que é, então, o meu corpo-solo; posso também ser levado em um vagão de trem, e, então, o meu corpo-solo é a princípio este corpo que me leva em movimento, e, para que isso ocorra, o corpo-solo é, por sua vez, o vagão de trem etc. O vagão é experimentado como estando em repouso. Mas, se olho para fora, digo que ele se move, embora eu veja que a paisagem lá fora encontra-se em movimento. Eu sei que peguei este vagão, eu vi tais vagões em movimento com pessoas dentro dele, e sei que elas, assim como eu ao entrar no vagão, veem o mundo circundante em movimento etc. Conheço a inversão dos modos de experiência do repouso e do movimento a partir dos carros de brinquedo, nos quais tantas vezes entrei e saí. Mas tudo isso encontra-se a princípio relacionado ao solo de todos os corpos-solo relativos, isto é, ao solo da Terra: tenho todas as mediações implicadas na apercepção e, para a verificação, posso recorrer a elas segundo sua concordância.

Se "penso" agora na Terra como corpo móvel, seria preciso para isso, para poder pensá-la em geral como um corpo no sentido mais originário – isto é, para poder conquistar para ela uma intuição possível, na qual sua possibilidade de ser como um corpo pudesse ser diretamente evidente – seria preciso um solo, ao qual toda a experiência de corpos e, com isso, toda experiência do ser-persistente em repouso e movimento esteja relacionada. A respeito disso, convém destacar o seguinte: sempre está em meu poder caminhar e seguir caminhando pelo solo da Terra, que é o meu solo, e, de certo modo, experimentar o seu ser "corpóreo" sempre de modo mais pleno; o solo tem seu horizonte no fato de que posso caminhar sobre ele e, caminhando, sempre posso experimentar algo mais acerca dele e de tudo aquilo que se encontra sobre ele. O mesmo se dá com outros homens, que caminham corporalmente sobre ele, e que podem, juntamente comigo, experimentá-lo com tudo aquilo que se encontra em sua superfície e sobre ela, podendo, a partir disso, trazer tal experiência à concordância. Tomo conhecimento da Terra de maneira fragmentária (*Stückweise*), e também experimento o caráter fragmentário das partes, que são os corpos genuínos; enquanto fragmentadas, essas partes têm o seu ser no repouso ou no movimento relativos à Terra, que agora funciona uma vez mais como solo da Terra em repouso. Eventualmente, digo [313] a "Terra em repouso" – mas a "Terra", enquanto o solo unitário da Terra, não pode ser

experimentada em repouso no sentido de repouso próprio a um corpo e, com isso, não pode ser experimentada como corpo no mesmo sentido de que se tem a experiência de "um" corpo. Este tem não somente sua extensão e sua qualificação, mas também seu "lugar" no espaço, lugar este possivelmente suscetível de mudança, de repouso ou movimento. Mas enquanto não tenho nenhuma representação de um novo solo – um solo a partir do qual a Terra possa ter, em seu curso coerente e circular, o sentido de um corpo físico fechado em movimento e repouso; e enquanto não alcanço nenhuma representação do intercâmbio dos solos respectivos, por meio do qual ambos os solos se tornem corpos; enquanto nada disso ocorre, a Terra mesma é precisamente um solo, e não um corpo físico. A Terra não se move – talvez eu possa dizer até mesmo que ela está em repouso. Mas isso somente pode significar que cada fragmento da Terra, que é separado por mim, por outros, ou que se separa por si mesmo, e que se encontra em repouso ou em movimento, é um corpo. A Terra é um todo cujas partes – se estas são pensadas por si mesmas tal como elas podem ser, enquanto fragmentadas ou fragmentáveis – são corpos, mas que, enquanto "todo", não é um corpo. Há aqui um todo que "consiste" de partes corpóreas e que por essa razão não é um corpo.

Mas o que ocorre então com a possibilidade de novos "corpos" que sirvam como solo? Como ficam as novas "Terras", enquanto fundamentos de referência para a experiência de corpos, e a possibilidade esperada de que, de certa maneira, a Terra se torne então um corpo normal, igual aos outros corpos-solo? A princípio, seria preciso ter dito que carece de sentido falar de antemão em um espaço sideral vazio, tal como fazemos ao falar no mundo "astronômico" que já é infinito, ou de falar em um espaço que circunda a Terra e no qual ela se encontra, assim como os corpos se encontram nela. Temos um espaço circundante enquanto sistema de lugares – isto é, enquanto sistema de termos finais (*Enden*) possíveis do movimento de corpos. Certamente, todos os corpos terrenos têm seu "lugar" respectivo neste sistema, mas não a Terra mesma. Talvez as coisas se deem de outro modo, caso se obtenha uma "possibilidade de pensamento" para a mudança dos solos.

*Objeção:* não é a dificuldade da constituição da Terra como corpo muito exagerada? De fato, a Terra é um [314] todo de partes implícitas, e cada uma dessas partes pode ser dividida de modo real (*reell*) e ser um corpo, cada uma tem seu lugar – e a Terra possui assim um espaço interior enquanto um sistema de lugares ou um

contínuo de lugares (mesmo quando pensado de maneira não matemática) com vistas a uma divisibilidade total. Portanto, isso é consequente pelas mesmas razões que qualquer outro corpo, enquanto divisível, possui o seu lugar do ponto de vista das partes. No entanto, o espaço interior e o espaço exterior da Terra formam um único espaço. Ou por acaso falta algo a essa consideração? Cada parte da Terra poderia se mover. A Terra possui movimentos internos. Assim também, todo corpo normal não somente é divisível, mas também possui suas deformações e seus movimentos internos contínuos, ao passo que como um todo ele pode à sua maneira conservar ou mudar sua posição no espaço. Do mesmo modo, a Terra possui deformações, movimentos internos contínuos etc. Mas como pode ela se mover como um "todo"? Como algo assim é pensável? Não como se a Terra houvesse sido forjada firmemente – faltaria o "solo" para isso. Têm o movimento e, portanto, a corporeidade algum sentido para a Terra? É o seu lugar no espaço universal realmente um "espaço" para ela? Por outro lado, não é o espaço universal precisamente o sistema de lugares de todos os corpos que, segundo isso, dividem-se em partes implícitas da Terra (enquanto fragmentários e móveis) e em corpos exteriores livres? Que tipo de curiosidades da "intuição do espaço", isto é, do espaço deste nível temos aqui?

Mas agora temos de considerar ainda os corpos exteriores – os corpos livres que não são fragmentos implícitos da Terra – e os corpos vivos. "Meu corpo vivo" e "outros corpos vivos". Estes são percebidos, enquanto corpos no espaço, respectivamente em seu lugar, e não percebidos, embora perceptíveis (ou experimentáveis de maneira modificada), enquanto algo que dura continuamente em um movimento-reposo e que se estende sobre essa duração (também movimento e repouso internos).

Meu corpo vivo: na experiência primordial, ele nem se desloca, nem é em repouso, e somente tem movimento e repouso internos, à diferença dos corpos exteriores. No "eu vou", em geral, no "eu me movo" cinesteticamente, não "se movem" todos os corpos, e tampouco se move todo o solo da Terra sob mim. Pois pertence a um repouso corpóreo o fato de que os [315] aspectos dos corpos transcorram cinesteticamente em mim "em mobilidade" (*beweglich*) ou que não transcorram cinesteticamente, sempre de acordo com que eu permaneça quieto etc. Não me encontro em deslocamento; se permaneço parado ou se caminho, tenho como centro o meu corpo vivo (*Leib*), e tenho ao meu redor corpos (*Körper*) em repouso e em movimento, e tenho

um solo sem mobilidade. Meu corpo vivo tem extensão etc., mas para ele não há mudança de lugar ou o seu contrário, no sentido em que um corpo exterior se dá como em movimento, distanciando-se e aproximando-se, ou, se não se move, próximo ou distante. Contudo, também o solo sobre o qual o meu corpo vivo caminha ou não caminha não é experimentado como um corpo, isto é, como um corpo que se desloca *por inteiro* ou não se desloca. Outros corpos vivos são corpos em repouso e movimento (sempre: des-locamento no sentido da aproximação ou do afastamento de mim), mas eles são corpos vivos no "eu me movo" em que o eu é um "outro eu", para o qual o meu corpo vivo é um corpo e para o qual todos os outros corpos exteriores, que não são para ele corpos vivos, são os mesmos de que tenho a experiência. Mas também todo corpo vivo, que é para mim corpo vivo do outro, é, para todos os outros eus e com a exceção respectiva de seu próprio corpo vivo, de maneira idêntica o mesmo corpo e o mesmo corpo vivo do mesmo eu. E o meu corpo vivo é para todo eu o mesmo corpo e simultaneamente o mesmo corpo vivo para este mesmo eu (que, para ele, é um outro eu), que eu mesmo sou para mim mesmo.

A Terra é para todos a mesma Terra; sobre a Terra, na Terra, acima dela prevalecem os mesmos corpos. "Sobre ela", etc., os mesmos sujeitos corporais (*leiblichen Subjekte*), sujeitos de corpo vivo, que são para todos, em um sentido modificado, corpos. Mas para todos nós a Terra é solo, e não corpo em sentido pleno. Suponhamos agora que eu seja um pássaro e que possa voar – ou melhor: observe os pássaros que também pertencem à Terra. Compreendê-los significa colocar-se a si mesmo no lugar deles enquanto pássaros que voam. O pássaro está sobre um ramo ou pousa sobre o solo, saltita ao redor e, então, levanta voo. Quando ele está sobre a Terra e tem a experiência do solo, seu experimentar e atuar são como os meus; assim como eu, ele tem a experiência de distintos corpos, e também de outros pássaros, de outros corpos vivos e eus corporais (*Leibesich*) etc. Mas o pássaro levanta voo, e isso é, tal como andar aqui embaixo, uma cinestesia, através da qual todos os transcurso de aparição (*Erscheinungsverläufe*) que, de outro modo, seriam percebidos como repouso e movimento de corpos se transformam; e isso de modo similar a como ocorre ao se [316] andar. Apenas com a diferença de que, para o pássaro, permanecer quieto e "ser levado pelo vento" (que, contudo, não precisa significar nenhuma apreensão corpórea) forma uma combinação da experiência com o "eu me movo" e ainda sempre fornece, em razão

de uma "mudança da posição de voo" e com um novo permanecer quieto, um "movimento aparente", mas de outra maneira. O permanecer quieto termina como "descida" e o pássaro, que não voa mais, pousa sobre a árvore ou sobre a Terra, de onde eventualmente saltará etc. O pássaro deixa a Terra, sobre a qual ele tem experiências de não-voo como nós. Levanta voo e depois retorna: ao retornar, ele tem de novo os modos de aparição (*Erscheinungsweisen*) do repouso e movimento tal como eu, que me encontro preso à Terra; voando e retornando, o pássaro tem, por meio de outras cinestésias (por meio das cinestésias particulares do voo) modos de aparição motivados, mas analogicamente modificados, e que, na modificação, possuem o significado do repouso e do movimento, uma vez que as cinestésias do voo e as cinestésias do caminhar formam para o pássaro um sistema cinestético único. Ao compreendermos o pássaro, compreendemos precisamente essa ampliação de suas cinestésias etc. Aquilo que repousa tem seu sistema de aparições, o qual sempre cabe produzir de novo enquanto não-andar, não-voar etc.

Observemos o movimento de subida e descida de um corpo. A inversão dos transcurtos de aparição (*Erscheinungsverläufe*) resulta, não somente para mim, mas para qualquer outro, em repouso e movimento no sentido antigo. Compreendo assim necessariamente qualquer um. De fato, compreendo a subida de um corpo enquanto tal. Compreendo precisamente enquanto tais os corpos que entram no meu campo de visão, que entram no meu campo, por exemplo, na medida em que caem "do espaço vazio". "Como isso é possível?" Movendo-se sobre a Terra, esses corpos se movem para mim pelo fato de que posso variar e eventualmente acompanhar cinestésias e pelo fato de que, por meio disso, obtenho a mudança da aparição do repouso – a mesma aparição que significa para mim repouso, caso eu esteja cinesteticamente quieto. Posso fazê-lo em relação a corpos que não se movem no espaço supraterrrestre; se eu voasse, poderia. Mas posso lançar pedras para cima e vê-las cair de volta como as mesmas. O lançamento pode ser mais ou menos ao nível da Terra; evidentemente, as aparições são nesse caso análogas aos movimentos no solo da Terra, de tal forma que elas vêm a ser [317] experimentadas como movimentos. Assim também com outros corpos, como uma esfera ao rolar, que são movidos por um choque, são lançados etc. Pode-se mencionar ainda a experiência de um movimento de queda, da queda de um corpo terreno que se encontra no alto, tal como a queda de uma torre ou do teto de uma casa.

Meu corpo vivo repousa sobre um corpo em movimento (um veículo), meu corpo vivo como uma embarcação de voo (*Leib-Flugschiff*). "Eu poderia voar tão alto, que a Terra apareceria como uma esfera." A Terra também poderia ser tão pequena, que eu poderia percorrê-la por todos os lados e chegar indiretamente a uma representação da esfera. Eu descubro, portanto, que ela é um grande corpo esférico. Mas a questão é justamente se e como eu chegaria à corporeidade da Terra, no sentido de que a Terra seja "astronomicamente" apenas um corpo entre outros, entre outros corpos celestes. Tampouco seria possível dizê-lo, mesmo se eu imaginasse o pássaro em qualquer altitude e, então, pretendesse com isso que ele possa experimentar a Terra como um corpo entre outros. Por que não? Para nós, humanos sobre a Terra, o pássaro ou o avião se move, e isso é válido para o próprio pássaro e para as pessoas no avião, na medida em que eles têm a experiência da Terra como "corpo"-de-origem (*Stamm-"körper"*), como "corpo"-solo. Mas não pode o avião funcionar como "solo"? Posso mudar ou pensar a mudança do solo e do corpo pelo solo em movimento enquanto local originário (*Urstätte*) dos meus movimentos? Que tipo de mudança na apercepção ocorreria aqui e como se daria a sua comprovação? Por acaso eu não teria de pensar em transferir para o avião tudo o que em validade constitutiva (segundo a forma) dá sentido em geral à Terra como meu solo, como solo da minha corporeidade viva (*Leiblichkeit*)?

Seria a situação em questão similar ao modo como pressuponho meu corpo vivo primordial e tudo o que lhe pertence quando compreendo algum corpo vivo alheio? Contudo, eu disponho aqui necessariamente, e de maneira compreensiva, da validade ôntica do outro. A dificuldade se repete no caso das estrelas. Para que eu possa concebê-las indiretamente como corpos na "experiência", preciso já ser para mim um homem sobre a Terra enquanto meu solo de origem (*Stammboden*). Talvez se possa dizer: a dificuldade desapareceria se eu, se nós pudéssemos voar e tivéssemos duas Terras como corpo-solo, de tal forma que, de uma, se pudesse alcançar a outra pelo voo. [318] Por meio disso, um dos corpos seria o solo para o outro. Mas o que significa "duas Terras"? Significa dois fragmentos de uma Terra com uma humanidade. Ambos fragmentos unidos se tornariam um solo e, ao mesmo tempo, cada um seria corpo para o outro. Eles teriam ao seu redor o espaço comum no qual cada um, enquanto corpo, ocuparia um lugar eventualmente móvel, mas o movimento seria sempre relativo ao outro corpo e irrelativo ao solo sintético de sua união. Os lugares de todos os corpos padeceriam dessa

relatividade. Isso resultaria, para o movimento e o repouso, na seguinte questão: movimento e repouso em referência a qual dos dois corpos-solo?

Apenas "o" solo da Terra, com seu espaço circundante de corpos, pode ser originariamente constituído. Mas essa constituição já pressupõe que o meu corpo vivo, os outros conhecidos e o horizonte aberto dos outros sejam constituídos, distribuídos no espaço no interior do espaço que circunda a Terra enquanto campo aberto de proximidade e distância dos corpos e que dá aos corpos o sentido de corpos terrenos e ao espaço o sentido de espaço terrestre. A totalidade do nós, dos homens, dos "animais" é, nesse sentido, terrena (*irdisch*) – e não possui a princípio nenhuma oposição ao não-terreno. Este sentido está enraizado e tem seu centro de orientação em mim e em um nós restrito do convívio de um com o outro. Contudo, também é possível que o solo terrestre se amplie; que, por exemplo, eu aprenda a compreender que no espaço do meu primeiro solo terrestre há grandes aeronaves que nele viajam por um longo tempo; que nasci em uma delas, que nela vive minha família, que ela foi o solo do meu ser até que aprendi que somos apenas navegantes sobre uma Terra maior etc. Assim, uma pluralidade de locais-solo (*Bodenstätten*), de moradas (*Heimstätten*), é unificada em um local-solo. Mas, sobre isso, faremos mais tarde complementações necessárias.

Antes, encontra-se em questão o seguinte: se a Terra é constituída com corporeidade viva (*Leiblichkeit*) e corporeidade (*Körperlichkeit*), então também o "céu" é necessariamente enquanto o campo do que, no limite, pode ser espacialmente experimentado por mim e por todos – experiência que acontece a partir do solo terrestre. Ou bem um horizonte aberto de distâncias alcançáveis é constituído; a partir de cada ponto espacial que é passível de ser alcançado por mim, há um horizonte mais extremo ou o limite (a esfera do horizonte), no qual o que ainda pode ser experimentado como coisa distante finalmente desaparece ao se distanciar. Inversamente: posso naturalmente pensar que os "pontos" que vêm a ser visíveis são [319] corpos distantes que se aproximaram e que agora podem chegar mais perto até que alcancem o solo terrestre etc. Mas posso também pensar agora que eles são moradas.

Mas convém também considerar o seguinte: cada morada tem a sua "historicidade" a partir do respectivo eu que a habita. Supondo que eu tenha nascido como filho de marinheiro, eu teria uma parte do meu desenvolvimento em um navio, e o navio não seria caracterizado para mim como navio em relação à Terra – enquanto não

houvesse sido produzida uma unidade entre o navio e a Terra –, mas o próprio navio seria minha "Terra", minha terra natal originária (*Urheimat*). Mas meus pais não tinham então habitado originariamente o navio, eles ainda tinham uma antiga casa, uma outra terra natal originária. Na mudança de moradas (se morada possui o sentido habitual do meu território respectivo, individual ou familiar), permanece universalmente expresso que cada eu possui uma terra natal originária – e esta pertence a cada povo originário com seu território originário. Mas cada povo e sua historicidade e cada supra-povo (supra-nação) evidentemente habitam em última instância sobre a "Terra", e todos os desenvolvimentos, todas as histórias relativas possuem nessa medida uma única história originária de que elas são episódios. Certamente é possível que essa história originária seja uma reunião de povos que vivem e se desenvolvem em uma completa separação uns dos outros, mas todos eles se encontram, uns para os outros, no horizonte abertamente indeterminado do espaço terrestre.

Consideremos agora os astros, depois de termos esclarecido a possibilidade de uma arca voadora (este também poderia ser um nome para a morada originária). Essas arcas se manifestam na "experiência" – isto é, na historicidade em que se constituem o mundo e, nele, a natureza corporal, o espaço natural e o tempo-espaço, a humanidade e o universo animal – enquanto meras "naves aéreas", "naves espaciais" da Terra. Essas nave partem da Terra e a ela retornam; são ocupadas e conduzidas por humanos, os quais, de acordo com sua origem generativa última, para eles mesmos origem histórica, habitam o solo terrestre enquanto sua arca. Para isso, consideremos agora os "astros" – a princípio, pontos de luz, manchas luminosas. No curso de autoformação da experiência, eles são apercebidos como corpos distantes, mas sem a possibilidade respectiva da verificação (*Bewährung*) normal na experiência, [320] no sentido primeiro e mais restrito da possibilidade de confirmação (*Ausweisbarkeit*) direta. Com os "corpos celestes", procedemos tal como com os corpos que são para nós (e eventualmente para outros) apenas acidentalmente e faticamente presentes e que nos são temporariamente inacessíveis; em relação a eles, tiramos conclusões a partir da experiência, fazemos observações empíricas acerca do lugar que ocupam, observações de seus movimentos induzidos etc., como se fossem corpos iguais aos outros. Tudo isso é relativo à arca que é o solo terrestre e à "esfera terrestre", é relativo a nós, homens terrenos, e a objetividade está relacionada ao todo da humanidade. Mas o que ocorre com a própria

arca, com a Terra? A Terra não é ela mesma um corpo, um astro entre astros. Essa situação somente se altera quando representamos para nós nossos astros como arcas secundárias com suas eventuais humanidades etc., quando simulamos nosso deslocamento, talvez voando até lá, estando em meio a tais humanidades. Ocorre aqui, embora com alguma modificação, algo similar ao caso das crianças que nasceram em navios. De fato, os astros são corpos hipotéticos em um sentido determinado do como-se, e o mesmo vale para a hipótese de que eles sejam moradas em um sentido acessível, de um tipo específico.

A homogeneização das distâncias celestes, mesmo por iteração, traz consigo suas questões fenomenológicas. Que possibilidade de essência há aí e qual possibilidade se dá previamente com o mundo terreno, contribuindo para a constituição do ser do mundo graças ao modo de ser que é essencial a este? Com a interpretação hipotética dos astros visíveis enquanto corpos distantes, e por meio da forma essencial do limite na experiência da distância, a infinitude aberta do mundo terreno já está dada enquanto dotada de uma infinitude de corpos que, segundo a possibilidade, existem à distância. Tendemos a compreender a homogeneização assim sem mais delongas, como se a Terra mesma fosse um corpo e como se por acidente nós nos arrastássemos sobre ela. Ao considerarmos agora estes problemas, somos colocados diante do grande problema do sentido de legitimidade de uma ciência da "natureza" universal e puramente física – de uma ciência física astronômica que se mantenha na infinitude "astronômica", no sentido da nossa física moderna (astrofísica em seu sentido mais amplo), e do problema da infinitude interna, da infinitude do contínuo e da maneira de se atomizar e [321] quantizar no indefinido aberto ou na infinitude – a física atômica. Nessas ciências infinitas do todo da natureza, o modo de observação é habitualmente aquele no qual os corpos vivos nada mais são que corpos acidentalmente particulares, sendo também concebível, portanto, que eles possam ser suprimidos por completo, de tal forma que uma natureza sem organismos, sem animais e humanos, seja possível. Não falta muito para que se pense – e em diversas ocasiões já se pensou profusamente assim – que isso seja pura e simples facticidade (*Faktizität*), uma factualidade (*Tatsächlichkeit*) determinada pelas leis naturais válidas no mundo, caso se considere que o corpo vivo animal e a vida psíquica estejam (causalmente) ligados a certos corpos ou tipos de corpos de estrutura física; de acordo com essa concepção, seria possível pensar que

esses mesmos corpos vivos, assim configurados, sejam, de fato, apenas meros corpos físicos. Tal como também se acredita poder provar a respeito da Terra, que outrora não havia "vida" nela, e que seria necessário um longo espaço de tempo até que se formassem as substâncias orgânicas extremamente complexas e, com isso, surgisse a vida animal na Terra. E também que a Terra seja um dos corpos acidentais no mundo, um corpo entre outros, também isso é tomado como algo evidente por si mesmo, e, depois de Copérnico, seria praticamente ridículo querer considerar que a Terra seja o centro do mundo "apenas porque por acidente nós vivemos nela", que ela seja até mesmo privilegiada em razão de seu "repouso", com relação ao qual tudo o que se move é movido. Parece que, com o que foi observado até aqui, nós abrimos uma considerável brecha na ingenuidade das ciências naturais (não na medida em que as ciências naturais realizam sua teoria, mas sim na medida em que elas acreditam conquistar em suas teorias a verdade absoluta sobre o mundo, ainda que em graus relativos de completude). Talvez a fenomenologia tenha dado seu apoio à astrofísica copernicana – mas também ao anti-Copernicanismo, segundo o qual Deus teria fixado a Terra em um lugar do espaço. Talvez seja no nível da fenomenologia que os cálculos e as teorias matemáticas da astrofísica que se seguiu a Copérnico e, por conseguinte, a física inteira, preservem um direito no interior de seus limites; outra questão distinta é se uma biologia puramente física (que deve ser, contudo, biologia) pode preservar seu sentido e seu direito.

Portanto, busquemos refletir sobre isso. Como devemos obter o direito de que a [322] Terra possa valer como um corpo, como um astro entre astros? Consideremos a princípio essa questão apenas como possibilidade, e para isso comecemos com uma outra possibilidade. O cientista natural concederá que é um mero *factum* que nós vemos astros em geral. Ele dirá: "não poderia muito bem ocorrer que esses astros, mesmo o Sol, estivessem tão distantes que não se encontrassem presentes para nós?" De fato, eles poderiam estar invisíveis em virtude de uma camada de névoa. Talvez tenha sido assim em todos os períodos históricos – viveríamos então em uma historicidade generativa e teríamos o nosso mundo terreno, nossa Terra e nosso espaço terrestre, teríamos os corpos que nele voam e flutuam etc. Tudo como até agora, mas apenas sem os astros que nos são visíveis, sem a possibilidade de sua experiência por nós. Talvez tivéssemos uma física atômica, uma microfísica, mas nenhuma astrofísica, nenhuma macrofísica.

Teríamos nossos telescópios, nossos microscópios, nossos instrumentos de medida cada vez mais refinados; teríamos nosso Newton e a lei da gravidade, teríamos podido descobrir que os corpos exercem gravitação uns sobre os outros e que, de acordo com isso, poderiam ser considerados ao mesmo tempo como divisíveis, enquanto um todo constituído de partes corporais, que exercem sua gravitação enquanto corpos independentes e operam segundo leis mecânicas, produzindo resultantes etc. Teríamos descoberto que a Terra é uma "esfera" e que é divisível em corpos, que ela, enquanto unidade total de partes corporais, exerce como totalidade uma gravitação em relação a todos os corpos que dela se destacam e que, visíveis ou não, encontram-se no espaço terrestre. E saberíamos também que neste espaço há corpos que somente podemos perceber em razão dos telescópios cujo progressivo aperfeiçoamento nos permite ir além daquilo que pode ser visto habitualmente. Poderíamos então nos dizer: ao fim, naturalmente é possível que haja corpos de uma grandeza qualquer a uma distância que ainda não é e jamais será acessível aos nossos sentidos. Sem vê-los, sem ter conhecimento direto deles, ainda que como corpos distantes hipoteticamente equiparados aos corpos habituais, poderíamos fazer induções e, a partir dos efeitos gravitacionais, calcular a existência de tais "astros". Finalmente, a Terra seria concebida em todo o domínio da física como um corpo como qualquer outro e também teria da mesma forma astros ao redor de si. De fato, [323] nós já temos astros em vista e os descobrimos cientificamente em relações físicas calculáveis com a Terra, e a Terra enquanto fisicamente equivalente a tais astros, como um corpo entre corpos. Portanto, não tocamos em nada da física.

Mas tudo depende disso: não devemos esquecer a dação prévia (*Vorgegebenheit*) e a constituição que pertencem ao ego apodíctico, a mim, a nós, enquanto fonte de todo sentido de ser efetivo e possível, de todas as ampliações possíveis que podem ser ainda desenvolvidas na historicidade em curso no mundo já constituído. Não se deve cair no absurdo – um autêntico absurdo – de pressupor inadvertidamente a concepção naturalista e dominante de mundo e de considerar, então, de maneira antropológica e psicologista, a formação da ciência e a interpretação do mundo na história humana, a história da espécie, no interior do desenvolvimento individual e dos povos, como um acontecimento evidentemente contingente na Terra, que poderia muito bem ter ocorrido igualmente em Vênus ou em Marte. Isso vale também para a Terra e para nós, humanos,

para mim com meu corpo vivo e para mim em meio à minha geração, ao meu povo etc. Toda essa historicidade também pertence inseparavelmente ao ego e não é, por princípio, repetível. Tudo o que é encontra-se referido a essa historicidade da constituição transcendental como núcleo pertinente e como núcleo que está em ampliação – ou toda nova descoberta enquanto possibilidade do mundo encontra-se ligada ao sentido de ser já pronto. Seria possível tirar disso a seguinte conclusão: que a Terra perca seu sentido enquanto "morada originária", enquanto arca do mundo, isso é tão impossível quanto que meu corpo vivo perca seu sentido de ser inteiramente único enquanto corpo vivo originário (*Urleib*), do qual cada corpo vivo deriva uma parte de seu sentido, e que nós, humanos, não precedamos os animais em nosso sentido de ser etc. Por conseguinte, nenhuma das equivalências (homogeneizações) que necessariamente se constituem entre corpo vivo e corpo, ou do corpo vivo corporal (*körperlichem Leib*) como corpo físico entre outros, da humanidade enquanto espécie animal entre espécies animais e, finalmente, da Terra enquanto corpo mundano entre corpos mundanos, nada disso pode mudar nada nessa dignidade constitutiva ou nessa ordem de valores. Eu poderia muito bem me [324] imaginar como transportado para a Lua. Por que eu não deveria pensar a Lua enquanto algo assim como uma Terra, enquanto algo assim como um habitat animal? E, a partir da Terra, posso muito bem me imaginar como um pássaro que voa para um corpo distante, como o piloto de um avião que levanta voo e ali aterrissa. De fato, posso supor que ali já houvesse homens e animais. Mas e se eu por acaso perguntar: "como eles chegaram ali?" – assim como no caso de uma nova ilha, na qual é encontrada a escrita cuneiforme, em que pergunto: "como estes povos chegaram ali?" Todos os animais, todos os seres vivos, todos os entes em geral somente têm seu sentido de ser a partir da minha gênese constitutiva e essa possui uma precedência "terrena". De fato, um fragmento de Terra (como um bloco de gelo) talvez possa se desprender e, assim, ter possibilitado uma historicidade particular. Mas isso não significa que a Lua ou Vênus poderiam ser igualmente concebidos como locais originários (*Urstätten*) em uma separação originária, e isso não significa que o ser da Terra seja um mero fato para mim e para a nossa humanidade terrena. Há apenas uma humanidade e uma Terra – pertencem à Terra todos os fragmentos que venham a se destacar ou que já tenham se destacado. Mas se isso é assim, podemos dizer com Galilei: *eppur si muove*? E não, ao contrário, a Terra não se

move? Certamente não no sentido de que ela repouse no espaço, embora possa se mover, mas sim como tentamos apresentar acima: ela é a arca que possibilita primeiramente o sentido de todo movimento e de todo repouso como modo de um movimento. Contudo, seu repouso não é o modo de um movimento.

Tudo isso pode parecer um pouco extravagante e francamente absurdo ao contrariar todo o conhecimento da ciência natural sobre a efetividade e a possibilidade real. É possível que um dia a morte térmica ponha um fim a toda vida na Terra, ou que um corpo celeste atinja a Terra. Mas, por mais que se queira ver em nossos intentos a mais inacreditável *hybris* filosófica, não retrocederemos diante das consequências para o esclarecimento do que há de necessário em toda dação de sentido (*Sinngebung*) para o ente e para o mundo. E tampouco diante dos problemas da morte, tal como eles são apreendidos de maneira nova pela fenomenologia. O presente, eu como presente [325] sou em um contínuo morrer, os outros morrem para mim quando não encontro a conexão presente com eles. Mas a unidade pela lembrança permeia a minha vida – ainda vivo, embora sendo um outro, e continuo vivendo a vida que se encontra atrás de mim e cujo sentido do atrás-de-mim reside na repetição e na possibilidade de repetir. Assim, o nós vive na repetibilidade, continuando ele mesmo a viver na forma da repetibilidade da história, ao passo que o indivíduo "morre", isto é, já não pode mais ser "recordado" pelo outro na empatia, mas apenas pela recordação histórica, na qual os sujeitos da recordação podem ser eles mesmos representados.

O que pertence à constituição é isso e apenas isso: a absoluta e última necessidade. Somente a partir de tal necessidade cabe determinar em última instância todas as possibilidades pensáveis do mundo constituído. Se a vida constituinte for eliminada, qual sentido podem ter as massas que colidem no espaço, em um espaço previamente disposto como absolutamente homogêneo e *a priori*? De fato, não tem essa eliminação mesma o sentido, se é que ela tem algum, de uma eliminação da e na subjetividade constituinte? O ego vive e precede todos os entes efetivos e possíveis, precede todo ente, seja em sentido real ou irreal. O tempo do mundo constituído encerra em si o tempo psicológico, e a esfera psicológica remete ao transcendental. Mas isso não ocorre de tal modo que se possa agora simplesmente converter o que é objetivamente psíquico em transcendental. O psicológico não se deixa converter no transcendental, sobretudo caso se converta todas as maneiras em que, de acordo com

algum ponto de vista abstrato e relativamente justificado, se pressupõe harmoniosamente um mundo homogêneo e, mais precisamente, uma natureza com a esfera psíquica que é psicofisicamente ligada a ela – pressuposições essas com as quais se opera muito bem na prática (a *práxis* natural humana que elabora e utiliza a ciência); por fim, isso não ocorre de tal modo que se possa reverter essas pressuposições no transcendental, fazendo valer agora contra a fenomenologia os paradoxos que emergem.

---

**Recebido em: 07/01/2022 | Aprovado em: 06/02/2022**

